

VERBOS DE REESTRUTURAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Núbia Ferreira RECH¹

RESUMO: A proposta desta pesquisa é investigar o fenômeno de reestruturação no Português Brasileiro (PB). Esse fenômeno envolve aplicação de regras sintáticas que desencadeiam a formação de predicado complexo, formando uma sequência verbal na estrutura de superfície. Submeteu-se aos testes da aplicação da regra de reestruturação os verbos de controle e de alçamento que selecionam um complemento VP/infinitivo, gerúndio, particípio ou um PInfP. Esses verbos foram testados em relação aos fenômenos alçamento do clítico e movimento (longo) do objeto, que constituem os principais diagnósticos da reestruturação nas línguas românicas. Os resultados desta pesquisa mostraram que o alçamento do clítico não é um diagnóstico confiável para revelar a formação de predicado complexo no PB. O movimento (longo) do objeto, por sua vez, se manifesta no PB nas construções em que ocorre a apassivação do verbo encaixado e também nas construções com movimento-*tough*, manifestando, portanto, a aplicação da regra de reestruturação.

PALAVRAS-CHAVE: Predicado Complexo. Verbos de Controle. Verbos de Alçamento. Reestruturação.

Caracterização do fenômeno da reestruturação²

A literatura linguística tem dedicado atenção especial a contextos em que sentenças que têm verbos com complemento infinitivo podem se tornar transparentes para determinados fenômenos sintáticos locais, como o alçamento

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Erechim/RS – Brasil. E-mail: núbia@uffs.edu.br

² Este texto foi baseado fortemente na minha tese de doutorado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina em 2009. Foram suprimidas integralmente algumas seções; outras foram substancialmente alteradas e outras ainda permaneceram praticamente inalteradas.

do clítico e o movimento longo do objeto.³² Uma sentença infinitiva como *resolver esses problemas* pode ou não ser transparente para a extração de um determinado constituinte, dependendo do contexto em que ocorre. Por exemplo, se essa sentença receber uma interpretação temporal própria, puder ser negada à parte da sentença matriz e permitir extração de constituintes, constituirá um domínio funcional independente; caso contrário, formará um predicado complexo com a sentença matriz. Portanto, o comportamento da sentença infinitiva frente a essas propriedades é que determinará se essa sentença constitui um domínio independente da sentença matriz ou se foi desencadeado o processo de reestruturação.

Alguns estudos sobre construções infinitivas (RIZZI, 1982; AISSSEN; PERLMUTTER, 1976; BURZIO, 1986; GONÇALVES, 1999, 2003; WURMBRAND, 2003; CINQUE, 2006) revelam que, embora aparentemente iguais, essas construções podem apresentar diferenças significativas tanto no plano sintático quanto no semântico. Há uma concordância entre os autores que investigam as construções infinitivas sobre as diferenças na representação sintática dessas construções, ou seja, defende-se que nem todos os complementos infinitivos apresentam a mesma estrutura, gerando, por consequência, diferentes interpretações semânticas. Um desafio para esses estudos é propor uma representação dessas construções que permita prever a manifestação de propriedades como a negação, a marcação temporal, o alçamento do clítico e o movimento longo do objeto e que, paralelamente, explique as correlações entre diferenças sintáticas e interpretações semânticas.

Nas línguas românicas em geral, alguns verbos de controle e de alçamento têm revelado um comportamento sintático ambíguo, uma vez que, ao selecionarem um complemento infinitivo, podem exercer a função de predicado lexical, atribuindo papel temático a seus argumentos, ou de predicado funcional, formando uma unidade sintática com o verbo de seu complemento. Neste último caso, o complemento infinitivo revela efeitos de transparência para determinados fenômenos sintáticos, e a sequência verbal se torna um único domínio funcional, manifestando propriedades de um predicado verbal complexo.

³ O termo ‘movimento longo do objeto’ está sendo empregado neste artigo como equivalente ao termo ‘Object Preposing’, utilizado por Rizzi (1982) para denominar o movimento do argumento interno do verbo encaixado para a posição de sujeito do verbo matriz.

Verbos desencadeadores da regra de reestruturação nas línguas românicas

Os estudos recentes sobre os predicados de reestruturação têm procurado, fundamentalmente, determinar e caracterizar os verbos desencadeadores desse processo, depreender a estrutura de uma construção infinitiva reestruturada e descobrir suas motivações. Em grande parte desses estudos, tem sido apontado um núcleo comum de predicados de reestruturação, podendo este sofrer pequenas variações em diferentes línguas e, até mesmo, entre falantes de uma mesma língua.

Os principais autores que investigaram esse processo nas línguas românicas (RIZZI, 1982; AISSSEN; PERLMUTTER, 1976; BURZIO, 1986; GONÇALVES, 1999, 2003; CINQUE, 2006) classificaram como predicados de reestruturação basicamente os verbos modais, aspectuais e de movimento. Há, entretanto, a inserção de verbos de controle, como *tentar*, *permitir*, *ousar*, *tender*, *conseguir...*, e de alçamento, como *parecer*, nessa classe, mas esses verbos não são reconhecidos como predicados de reestruturação por todos os autores.

Os predicados que podem desencadear o processo de reestruturação pertencem, portanto, à classe dos verbos de controle ou de alçamento. Essa não é, todavia, uma condição suficiente, visto que apenas um subgrupo de verbos dessas classes permite a formação de um predicado complexo. Na sequência, são apresentados os principais indícios para a inserção ou exclusão desses verbos da classe dos predicados de reestruturação.

Verbos de controle

Os trabalhos mais citados na literatura românica sobre reestruturação reconhecem um pequeno grupo de verbos de controle como desencadeadores desse processo. Para Rizzi (1982, p. 4), os únicos verbos de controle que podem formar predicados complexos são *volere* (querer) e *sapere* (saber). Na lista de Aissen e Perlmutter (1976, p. 364) figuram, além de *querer*, os verbos *tratar de*, *ordenar* e *permitir*, os dois últimos de controle do objeto. Burzio (1986, p. 324) reconhece como verbos de controle de reestruturação apenas *volere* e *sapere*, à semelhança de Rizzi. Gonçalves (1999) não apresenta uma lista fechada desses verbos, mas ilustra a manifestação dos efeitos de transparência em construções com *querer*, *saber*, *tentar* e *desejar*, fundamentalmente. Por fim, Cinque (2006, p. 26) classifica como predicados de reestruturação os verbos

osare (ousar) e *conseguire* (conseguir), além dos já citados *volere*, *sapere* e *provare* (tentar).

Os principais diagnósticos de formação de predicado complexo nas línguas românicas são o alçamento do clítico e o movimento longo do objeto, respectivamente. Empregando ambos os critérios como evidências de formação de predicado complexo, a literatura sobre o processo de reestruturação revela que alguns verbos de controle formam predicados complexos, ao passo que outros, não. Os exemplos a seguir mostram o contraste de gramaticalidade em estruturas de controle em que se aplicou o critério do alçamento do clítico no italiano, no espanhol e no PE, respectivamente:

- (1) a. Lo volevo [vedere *t* súbito] ‘(Eu) quero vê-lo imediatamente’.
 b. *Lo detesto [vedere *t* in quello stato] ‘(Eu) detesto vê-lo neste estado’.
 (CINQUE, 2006, p. 1)
- (2) a. Juan lo i quiere comer *ec_i*. ‘Juan quer comê-lo.’
 b. *Juan lo i insiste en comer *ec_i*. ‘Juan insiste em comê-lo’.
 (FUKUDA, 2006, p. 1)
- (3) a. O João não os quer trazer.
 b. *O João não os decidiu trazer.
 (GONÇALVES, 1999, p. 3-4)

Como se verifica nas sentenças anteriores, verbos de controle manifestam um comportamento diferente em relação aos diagnósticos de formação de predicado complexo. Em todos os exemplos, os verbos de controle selecionam um complemento infinitivo, mas apenas em (1a), (2a) e (3a) ocorre a formação de predicado complexo, conforme indica o alçamento do clítico. Como se depreende dos exemplos (1) a (3), a classificação de um verbo como de controle não é determinante para sua inserção na classe de predicados que desencadeiam o processo de reestruturação. Torna-se necessário, portanto, investigar quais são as propriedades compartilhadas por um subgrupo de verbos de controle que formam predicados complexos.

Verbos de controle selecionam argumento externo, o qual preenche a posição de sujeito superficial da sentença matriz. Por essa razão, não é possível mover nenhum outro constituinte para essa posição, impedindo, assim, a

transformação passiva da sentença encaixada, como se verifica no exemplo a seguir, extraído de Gonçalves (1999, p. 173):

- (4) a. O Presidente da Associação quer cumprimentar o João.
b. O João quer ser cumprimentado pelo Presidente da Associação.

O exemplo (4) revela que verbos como *querer* permitem o encaixe de uma passiva, mas não a apassivação da sentença encaixada. Essa impossibilidade decorre das restrições de seleção impostas pelos verbos de controle, que atribuem papel temático à posição do argumento externo. O fato de o DP *o João* ocupar a posição de argumento interno do verbo encaixado em (4a) e de sujeito do verbo matriz em (4b) não constitui indício da aplicação da regra de reestruturação em (4b), pois essa construção não corresponde à passiva da estrutura apresentada em (4a).

Verbos de alçamento

Há um consenso entre os principais autores que investigaram a reestruturação nas línguas românicas quanto aos verbos de alçamento que desencadeiam esse processo. Rizzi (1982), Aissen e Perlmutter (1976), Burzio (1986), Gonçalves (1999) e Cinque (2006) inserem nesse grupo os verbos modais, aspectuais e de movimento. Esse grupo seria formado, portanto, por verbos como *dever, ter de, poder, tender, começar, continuar, costumar, estar por, terminar, ir, vir*, entre outros. Segundo esses autores, os verbos de alçamento que permitem reestruturação selecionam um complemento no infinitivo, formando sequências verbais. Estas resultam do movimento do argumento externo do verbo encaixado para a posição de sujeito da sentença, conforme mostram os exemplos a seguir, extraídos de Rizzi (1982, p. 4-5):

- (5) a. Gianni gli *ha dovuto/ha potuto* parlare personalmente.
'Gianni lhes tem devido/tem podido falar pessoalmente'
b. Mario la *comincia a/finisce di* battere a macchina domani (la tesi).
'Mario a começa a/termina de bater a máquina amanhã (a tese)'
c. Piero li *venne/andò/tornò* a chiamare alla stazione.
'Piero os veio/andou/tornou a chamar para a estação'

Em construções de alçamento, o DP argumento externo do verbo encaixado se move para a posição de sujeito do verbo matriz. Esse movimento ocorre para suprir a carência de Caso do DP, que não pode receber nominativo da forma verbal no infinitivo por esta não carregar marcas flexionais, nem acusativo do verbo matriz, que não tem esse Caso disponível devido a suas propriedades inacusativas. É dessa forma que o argumento do verbo encaixado se torna o sujeito da sentença, satisfazendo, também, o EPP. Nas sentenças em (5), o alçamento do clítico revela a aplicação da regra de reestruturação, uma vez que este é um fenômeno que opera localmente, no interior de um domínio funcional.

Além do alçamento do clítico, o movimento longo do objeto pode ser empregado como um diagnóstico de reestruturação com verbos de alçamento por estes não selecionarem argumento externo. Esse movimento ocorre com a apassivação do verbo matriz ou encaixado. Gonçalves (1999, p. 71) apresenta exemplos do PE em que os verbos de alçamento *poder* e *dever* permitem a apassivação da sentença encaixada, manifestando, por consequência, o movimento longo do objeto, como se verifica a seguir:

- (6) a. Meus irmãos não podiam/deviam apresentar *o Pedro* à Maria nessa noite.
 b. *O Pedro* não lhe podia/devia ser apresentado nessa noite.

Em (6b) ocorre o movimento longo do objeto, pois o DP *o Pedro*, argumento interno do verbo *apresentar*, é alçado para a posição de sujeito da sentença, desencadeando a concordância com o verbo matriz *poder/dever*. A possibilidade de mover o objeto do verbo encaixado para a posição de sujeito do verbo matriz evidencia a formação de predicado complexo, uma vez que revela a presença de um único domínio funcional. Essa hipótese é corroborada pelo alçamento do clítico *lhe* para a posição à esquerda do verbo matriz. O PE apresenta evidências claras de que os verbos de alçamento *poder/dever* constituem, de fato, predicados de reestruturação, pois esses dois verbos permitem movimento longo do objeto na apassivação da sentença encaixada e alçamento do clítico.

A reestruturação no PB

Verbos candidatos a predicados de reestruturação no PB

A lista de verbos do PB que será submetida aos testes das propriedades indicadoras de reestruturação corresponde à lista desses predicados em línguas como o italiano (cf. RIZZI, 1982; BURZIO, 1986; CINQUE, 2006), o espanhol (cf. AISSSEN; PERLMUTTER, 1976) e o PE (cf. GONÇALVES, 1999, 2003). Considerando que não há completa identidade entre os elementos que integram a lista dos verbos de reestruturação entre os autores abordados, fez-se a opção por submeter aos testes os verbos classificados como predicados de reestruturação por pelo menos dois desses autores. Como resultado, chegou-se a uma lista de verbos modais, aspectuais e de movimento semelhante à lista de auxiliares proposta por importantes gramáticos, como Kury (1970), Cunha e Cintra (1985), Luft (1991), Perini (2000) e Bechara (2001).

O principal objetivo deste trabalho é averiguar se a reestruturação se aplica no PB e, em caso afirmativo, descobrir os verbos que a desencadeiam. Para a consecução desse objetivo, analisamos os fenômenos alçamento do clítico e movimento longo do objeto em construções com complemento VP por serem estes os principais meios de diagnosticar a aplicação da regra de reestruturação.

Principais fatores determinantes da reestruturação e sua manifestação no PB

Alçamento do clítico

A presença de um verbo de reestruturação no domínio matriz possibilita o alçamento do clítico argumento interno do verbo encaixado para esse domínio. Com a aplicação da regra de reestruturação, a forma infinitiva se torna transparente para esse movimento, que revela a ausência de barreira entre os dois verbos e, portanto, a formação de um único domínio funcional.

Quando se trata de aplicar o teste do alçamento do clítico no PB, algumas questões se impõem. A primeira delas é que o paradigma de clíticos no PB não é tão rico como o das outras línguas românicas. Por exemplo, o clítico

acusativo de terceira pessoa *o*, que é aquele cujo comportamento mais se aproxima do dos clíticos das outras línguas românicas para efeitos de testar se existe reestruturação, não é natural na fala (cf. KANTHACK, 2002, p. 99; PEREIRA, 2006, p. 22; 179). Isso enfraquece consideravelmente a credibilidade do teste.

Veja que o PB parece comportar-se como as demais línguas românicas, requerendo o alçamento do clítico em construções com complemento no participípio, como se verifica a seguir:

- (7) a. A Maria não tinha lido o livro.
 b. A Maria não *o* tinha lido.
 c. *A Maria não tinha *o* lido.
 d. *A Maria não tinha lido-*o*.

O exemplo (7b) revela a possibilidade de alçamento do clítico de terceira pessoa no PB. O clítico *o* ocupa a posição à esquerda do verbo matriz, evidenciando a formação de um único domínio funcional através da manifestação de efeitos de transparência da forma verbal no participípio. Em construções com *ter* seguido de participípio, o clítico não pode ficar proclítico nem enclítico ao verbo encaixado, como mostram as sentenças (7c) e (7d), respectivamente. O alçamento do clítico de terceira pessoa nesse contexto é, portanto, obrigatório também no PB.

Em construções com complemento no gerúndio, a distribuição do clítico é semelhante à verificada nos exemplos com complemento no participípio, conforme mostram as sentenças a seguir:

- (8) a. Marta estava querendo esse livro.
 b. Marta *o* estava querendo.
 c. *Marta estava *o* querendo.
 d. *Marta estava querendo-*o*.

A boa formação da sentença (8b) em contraste com a agramaticalidade de (8c) e (8d) revela que o clítico *o* deve mover-se para o domínio matriz nas construções em que o verbo *estar* seleciona um complemento no gerúndio. Esse movimento obrigatório indica que, no PB, há formação de predicado complexo nessas construções.

Nas sequências em que o verbo encaixado assume a forma infinitiva, o clítico *o* apresenta uma distribuição diferente da verificada nas construções com particípio e gerúndio. O exemplo a seguir ilustra esse emprego:

- (9) a. Pedro pode/deve comprar esse carro.
b. ?Pedro o pode/deve comprar.
c. *Pedro pode/deve o comprar.
d. Pedro pode/deve comprá-lo.

A baixa aceitabilidade da sentença (9b) revela que as construções com complemento infinitivo não favorecem o alçamento do clítico *o* como aquelas com complemento no particípio e no gerúndio. A sentença (9c) é agramatical, indicando a impossibilidade de próclise à forma verbal encaixada também nas construções infinitivas. Por fim, a boa formação de (9d) aponta a ênclise ao verbo mais baixo como a posição preferencial do clítico *o* em sequências com complemento no infinitivo, diferenciando-se, assim, das construções com particípio e gerúndio.

Os exemplos (7b), (8b) e (9b) revelam a possibilidade de alçamento do clítico no PB. É importante observar, entretanto, que esse fenômeno está restrito aos clíticos acusativos de terceira pessoa, que apresentam baixa frequência de uso na língua, manifestando, por consequência, algumas peculiaridades. Empregam-se os clíticos *o/a* apenas em contextos formais de comunicação, sendo utilizados especialmente por falantes com escolaridade média ou alta.

A segunda questão que se impõe a respeito do teste dos clíticos brasileiros é que aqueles que ainda são ativos, *me*, *te*, *se*, *lhe*, têm um comportamento diferenciado do das outras línguas românicas no que diz respeito à sua colocação. As sentenças a seguir ilustram sua disposição nas construções em que o verbo matriz seleciona como complemento uma forma verbal no infinitivo, no gerúndio e no particípio, respectivamente:

- (10) a. A Maria conseguiu *me/te* encontrar.
b. ??A Maria conseguiu encontrar-*me/te*.
c. *A Maria *me/te* conseguiu encontrar.

- (11) a. Pedro está *me/te* analisando.
 b. ??Pedro está analisando-*me/te*.
 c. ??Pedro *me/te* está analisando.
- (12) a. Marta tem *me/te* consultado atualmente.
 b. ??Marta tem consultado-*me/te* atualmente.
 c. ??Marta *me/te* tem consultado atualmente.

A diferença no grau de aceitabilidade entre as sentenças (10a,b), (11a,b) e (12a,b) sugere que o PB manifesta claramente uma preferência pela próclise ao verbo encaixado em contexto de formação de predicado complexo.

Em suma, em construções com sequências verbais, os pronomes *me/te/se/lhes* podem ocupar a posição proclítica ou enclítica ao verbo mais baixo. Já o clítico acusativo de terceira pessoa pode ficar proclítico ao verbo finito ou enclítico ao verbo infinitivo mais baixo, como mostram os exemplos de (7) a (9). Esse resultado permite concluir que, à exceção dos clíticos *o/a*, cujo emprego se restringe a contextos estritamente formais, o PB não admite alçamento, diferenciando-se, assim, das demais línguas românicas. Contudo, não se pode inferir a ausência do fenômeno de reestruturação no PB, que pode manifestar outros efeitos de transparência nas construções em que verbos modais, aspectuais e de movimento selecionam uma forma verbal como complemento.

Movimento longo do objeto

Uma outra propriedade igualmente importante na identificação de predicados de reestruturação é o movimento longo do objeto. Esse movimento também revela uma estrutura mono-sentencial, uma vez que o objeto do verbo da sentença encaixada se superficializa como sujeito da construção, estabelecendo a concordância com o verbo da sentença matriz e sendo marcado com Caso nominativo. A seguir, são apresentados exemplos em que o fenômeno de reestruturação é manifesto pelo movimento longo do objeto no italiano e no PE, respectivamente:

- (13) Queste case si vogliono vendere a caro prezzo.
 ‘Estas casas se querem vender a alto preço’

(RIZZI, 1982, p.16)

- (14) No próximo ano, vão ver-se mais estudantes nesta biblioteca.
(GONÇALVES, 1999, p. 146)

A sentença (13) ilustra o movimento longo do objeto em italiano através da formação da voz passiva sintética. Nessa construção, o argumento interno do verbo encaixado é marcado com Caso nominativo pela flexão da sentença matriz, que, por sua vez, recebe do objeto movido suas marcas flexionais de número e pessoa. O exemplo (14) mostra a passiva sintética no PE. Diferentemente do que ocorre no italiano, o objeto do verbo encaixado se posiciona no final da sentença. O movimento longo do objeto é manifesto pela concordância do DP objeto de *ver* com o verbo mais alto. Nesses exemplos, ocorre movimento de constituintes da sentença encaixada para a matriz, evidenciando, portanto, a formação de predicado complexo.

No PB, Nunes (1991) classifica o *-se* em apassivador e indeterminador, utilizando critérios como atribuição de papel- θ e marcação Casual. Nessa proposta, o *-se* apassivador retoma o argumento externo não expresso na construção, absorvendo seu papel- θ ; o *-se* indeterminador, por sua vez, constitui um vestígio do elemento que ocupa a posição de sujeito superficial. Logo, a formação da passiva sintética só ocorre com verbos que selecionam argumento externo e interno, ou seja, com verbos transitivos. Com base nesse autor, o *-se* em construções intransitivas e inacusativas seria classificado como indeterminador, visto que verbos intransitivos não selecionam argumento interno, e inacusativos não selecionam argumento externo. Essa classificação vai ao encontro da proposta pelas gramáticas tradicionais, que classificam o *se* empregado com verbos transitivos como partícula apassivadora e com intransitivos como índice de indeterminação do sujeito, conforme ilustram respectivamente as sentenças a seguir:

- (15) a. Pedro aluga casas.
b. Alugam-se casas.
- (16) a. Os funcionários trabalham muito nessa empresa.
b. Trabalha-se muito nessa empresa.

A sentença (15b) corresponde à passiva sintética. Na voz ativa, o verbo *alugar* seleciona argumento externo (*Pedro*) e interno (*casas*), como em (15a); já na voz passiva sintética, apenas o argumento interno é requerido,

transformando-se no sujeito da construção, como evidencia a concordância estabelecida com o verbo *alugar* em (15b). Em (16), o verbo (*trabalhar*) seleciona apenas argumento externo. Este é expresso, em (16a), por um DP (*os funcionários*), que exerce a função de sujeito superficial, desencadeando a concordância com o verbo. Em (16b), a partícula *-se* constitui um vestígio do argumento externo, indeterminando-o. A diferença entre (16a) e (16b) está, portanto, na expressão do argumento externo.

No PB, é comum a falta de concordância em construções com *-se* associado a verbos transitivos, conforme mostra a boa formação da sentença a seguir:

(17) Aluga-se casas.

A ausência de concordância entre o verbo e o DP *casas* sugere que a partícula *-se* constitui um resquício do argumento externo também em construções com verbos transitivos. A flexão plural do verbo indicaria a formação da passiva sintética, revelando *casas* como sujeito da construção. Essa flexão, entretanto, não é comum em construções como (17), por estar restrita ao padrão culto escrito, consistindo numa imposição gramatical, e não numa propriedade reveladora do sujeito. A recorrência de sentenças como (17) permite inferir que a formação da passiva sintética não é um processo natural nem produtivo no PB atual.

Para investigar o fenômeno da reestruturação no PB, faz-se necessário, portanto, descobrir manifestações de efeitos de transparência nessa língua, visto que ela não permite alçamento do clítico nem apresenta de forma produtiva a concordância verbal na voz passiva sintética. Além disso, a formação dessa passiva com verbos de controle só é possível em línguas com alçamento do clítico (cf. GONÇALVES, 1999, p. 147). No PB, os verbos de controle impedem a formação da passiva sintética por selecionarem argumento externo, inviabilizando o movimento do objeto do verbo encaixado para a posição de sujeito da sentença. Já nas línguas que permitem alçamento do clítico, o *-se* apassivador pode se mover para o domínio matriz, suspendendo a atribuição de papel temático dos verbos de controle empregados como predicados de reestruturação. Por consequência, o objeto do verbo encaixado pode ser alçado para a posição de sujeito da sentença, evidenciando reestruturação pela formação da passiva sintética.

O movimento longo do objeto também ocorre como consequência do processo de apassivação do verbo matriz ou do encaixado, conforme mostram os exemplos do espanhol e do PE a seguir:

- (18) *Estas casas_i fueron empezadas a pintar t_i.*
'Estas casas foram começadas a pintar.'
(FUKUDA, 2006, p. 1)

- (19) a. A Maria deve cantar *a Aida*.
b. *A Aida* deve ser cantada por Maria.
(GONÇALVES, 1999, p. 172)

Em (18), ocorre o processo de apassivação do verbo matriz (*empezar*) ou a formação da passiva longa, conforme denominado na literatura linguística. De acordo com Cinque (2006, p. 68), esse fenômeno só é possível em construções com verbos de reestruturação que indicam o ponto inicial de um evento ou o seu ponto final. Em (19), é o verbo encaixado (*cantar*) que sofre o processo de apassivação. Ambas as construções constituem evidências de reestruturação por permitirem o movimento do objeto do verbo encaixado para o domínio matriz, revelando a formação de um único domínio funcional.

Diferentemente do espanhol e do italiano, o PB não permite a formação da passiva longa com os verbos que marcam o início de uma ação, como *começar*, nem com os verbos *terminar* e *acabar*, que marcam o seu ponto final. Os exemplos a seguir mostram essa restrição:

- (20) a. Os operários finalmente começaram a construir as casas.
b. *As casas finalmente foram começadas a construir.
- (21) a. Os operários finalmente terminaram/ acabaram de construir as casas.
b. *As casas finalmente foram terminadas/acabadas de construir.

A agramaticalidade das sentenças (20b) e (21b) revelam que esse processo não é possível no PB. A apassivação do verbo encaixado, por sua vez, é um processo natural, como se verifica nos exemplos a seguir:

- (22) a. Pedro deve/pode/tem que concluir *esses projetos*.
b. *Esses projetos* devem/podem/têm que ser concluídos (por Pedro).

- (23) a. O consumo excessivo de álcool anda/vem causando muitos acidentes.
b. Muitos acidentes andam/vêm sendo causados pelo consumo excessivo de álcool.
- (24) a. O professor tende a/começa a/continua a/costuma/acaba de valorizar *as produções originais*.
b. *As produções originais* tendem a/começam a/continuam a/costumam/acabam de ser valorizadas (pelo professor).
- (25) a. Meu irmão vai comprar *os dois terrenos*.
b. *Os dois terrenos* vão ser comprados (por meu irmão).

As sentenças acima ilustram a formação da passiva com verbos modais, aspectuais e de movimento, respectivamente. Nessas construções, o argumento interno do verbo encaixado é alçado para a posição de sujeito da sentença. É importante salientar outra vez que, no PB, a apassivação do verbo encaixado só é possível em construções com verbos de alçamento, que não selecionam argumento externo, deixando livre a posição do sujeito. Com a finalidade de identificar a formação de predicado complexo, a apassivação do verbo encaixado é um diagnóstico tão confiável quanto a apassivação do verbo matriz, pois ambos os processos evidenciam ausência de barreira sentencial.

Em contexto de reestruturação, o movimento-*tough* também indica a formação de um único domínio funcional. Fukuda (2006, p. 2) ilustra esse movimento com sentenças do espanhol:

- (26) Estas casas_i son fáciles de empezar a pintar ec_i.
'Estas casas são fáceis de começar a pintar'.

Em (26), o argumento interno do verbo encaixado é alçado para a posição de sujeito da construção. Por consequência, suas marcas flexionais de número e pessoa são transmitidas ao verbo *ser* e ao adjetivo *fácil* ou *easy-adjectives*, como referidos na literatura. Esse movimento evidencia a formação de predicado complexo por ocorrer apenas na ausência de barreira entre os verbos matriz e encaixado. O PB também permite esse movimento em contexto de formação de predicado complexo, como se verifica nas sentenças a seguir:

- (27) a. Pedro tenta/consegue/quer/trata de/deseja ajudar *essas crianças*.
b. *Essas crianças* são fáceis de tentar/conseguir/querer/tratar de/desejar ajudar.
- (28) a. As pessoas devem/podem/têm que praticar *atividade física*.
b. *Atividade física* é difícil de *dever/poder/ter que praticar.
- (29) a. Marta tende a/começa a/continua a/costuma/acaba de *cometer erros*.
b. *Erros* são fáceis de tender a/começar a/continuar a/costumar/cometer.
c. *Erros* são fáceis de acabar cometendo.
- (30) a. As escolas vão mudar *o sistema de avaliação*.
b. *O sistema de avaliação* é difícil de vir a mudar.

Nos exemplos anteriores, o objeto do verbo encaixado passa para o domínio matriz, tornando-se o sujeito da construção. Esse movimento revela a presença de um único domínio funcional, evidenciando a formação de predicado complexo em construções com verbos de controle e de alçamento que expressam modalidade, aspecto e movimento, exceto com o modal de obrigação *dever*. Verifica-se, nos exemplos de (27) a (30), que a maioria dos verbos classificados como predicados de reestruturação nas línguas românicas possibilita o movimento-*tough* no PB. A importância da análise desse fenômeno no PB está em poder ser testado com verbos de controle, que selecionam argumento para a posição de sujeito superficial, impedindo, assim, o movimento do objeto pela apassivação do verbo encaixado.

Conforme foi abordado nesta seção, o movimento longo do objeto ocorre no processo de formação da passiva sintética, da passiva longa, na apassivação da sentença encaixada e nas construções *tough*. Destes, apenas os dois últimos constituem diagnósticos da formação de predicado complexo no PB: a apassivação da sentença encaixada por se aplicar de forma generalizada aos verbos de alçamento que constituem predicados de reestruturação; já o movimento-*tough* por poder ser testado não apenas com verbos de alçamento, mas também com predicados de controle.

Considerações finais

Neste trabalho, foram abordados os dois principais fatores determinantes do processo de reestruturação nas línguas românicas e sua possível manifestação no PB. Conforme assinalado ao longo das seções, algumas propriedades importantes na identificação dos predicados complexos não podem ser testadas no PB. Este é o caso do fenômeno do alçamento do clítico, o diagnóstico mais confiável da aplicação da regra de reestruturação, e do movimento longo do objeto em estruturas de controle.

Os resultados referentes ao fator alçamento do clítico não podem ser considerados determinantes no PB. Em primeiro lugar, por essa língua não dispor de um rico paradigma de clíticos como as demais línguas românicas. Em segundo, por o clítico acusativo de terceira pessoa *o*, que apresenta um comportamento próximo ao dos clíticos das outras línguas românicas, não ser natural na fala. Esses dois aspectos enfraquecem, consideravelmente, a credibilidade desse teste, que deve, por essa razão, ser desconsiderado na análise de fenômeno da reestruturação no PB. O movimento longo do objeto, que também constitui um importante diagnóstico da reestruturação, se manifesta no PB com verbos de controle e de alçamento.

Os verbos *tentar*, *conseguir*, *querer*, *tratar de* e *desejar*, classificados na literatura linguística como verbos de controle de reestruturação, admitem movimento-*tough* no PB, sinalizando que, também nessa língua, podem desencadear a formação de um único domínio funcional. Neste aspecto, diferenciam-se de verbos de controle como *decidir*, *insistir*, *detestar*, entre outros, que não constituem predicados de reestruturação (cf. RIZZI, 1982; AISSSEN; PERLMUTTER, 1976; BURZIO, 1986; FUKUDA, 2006; GONÇALVES, 1999; WURMBRAND, 2003; CINQUE, 2006). Os verbos de controle de reestruturação manifestam ainda outras propriedades de núcleos funcionais no PB. Esses verbos estão sujeitos à ordem relativa dos núcleos funcionais proposta por Cinque (2006) e subcategorizam um VP dependente temporalmente do domínio matriz (cf. FERREIRA, 2009).

Em relação aos verbos modais, aspectuais e de movimento, foi possível constatar que estes manifestam o movimento do objeto nas construções-*tough* e no processo de passivação do verbo encaixado, mantendo a correspondência ativa-passiva. Em relação aos fatores investigados nesta pesquisa, os resultados sugerem que os verbos de reestruturação que projetam uma estrutura de alçamento

estão em um estágio mais avançado de gramaticalização que o dos verbos de reestruturação de controle, que não permitem o fenômeno da transparência de voz.

RECH, Núbia Ferreira. Restructuring verbs in Brazilian Portuguese. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. xx-xx, 2011.

ABSTRACT: *The proposal of this research is to investigate the restructuring phenomenon in Brazilian Portuguese (BP). This phenomenon involves application of syntactic rules that unchain the formation of complex predicate, forming a verbal sequence in the surface structure. We submitted the control verbs and the raising verbs that select a VP/infinitive complement, gerund, participle or a PInfp to the application tests of the restructuring rule. These verbs were tested in relation to the clitic climbing and the (long) movement of the object phenomena, that constitutes the mains diagnoses of the restructuring in the Romanic languages. The results of this research showed that the clitic climbing is not a reliable diagnosis to reveal the formation of complex predicate in BP. The (long) movement of the object, in turn, observed in BP in constructions with the passivation of the embedded verb and also in the constructions with tough movement, manifesting, therefore, the application of the restructuring rule.*

KEYWORDS: *Complex Predicate. Control Verbs. Raising Verbs. Restructuring.*

Referências

AISSEN, J.; PERLMUTTER, D. Clause reduction in spanish. In: THOMPSON, H. et al. (Eds.). **Proceedings of the second annual meeting of the Berkeley Linguistics Society**. Califórnia: Berkeley, 1976. p. 1-30.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BURZIO, L. **Italian syntax**. Dordrecht: Reidel, 1986.

CINQUE, G. **Restructuring and functional heads**: the cartography of syntactic structures. New York: Oxford University Press, 2006.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FERREIRA, N. S. **Auxiliares**: uma subclasse dos verbos de reestruturação. 2009. 192 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FUKUDA, S. **The syntax of Japanese aspectual verbs**. San Diego: UCSD, 2006.

GONÇALVES, A. **Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não-preposicionado do português europeu**. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

_____. Defectividade funcional e predicados complexos em estruturas de controlo do português. In: CASTRO, I.; DUARTE, I. (Eds.). **Razões e emoção: miscelânea de estudos oferecida a Maria Helena Mateus**. Vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003. p. 347-366.

KANTHACK, G. S. **Clíticos pronominais no português do Brasil**. 2002. 164 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

KURY, A. G. **Lições de análise sintática**. 5. ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1970.

LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. 11. ed. São Paulo: Globo, 1991.

NUNES, J. M. *Se* passivador e *se* indeterminador: o percurso diacrônico no português brasileiro. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas (UNICAMP), n. 20, p. 33-58, 1991.

PEREIRA, A. L. D. **Os pronomes clíticos do PB contemporâneo na perspectiva teórica da morfologia distribuída**. 2006. 210 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PERINI, M. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 2000.

RIZZI, L. **Issues in italian syntax**. Dordrecht: Foris, 1982.

WURMBRAND, S. **Infinitives: restructuring and clause structure**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2003.